

ポスター発表

185

O ensino de língua japonesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Tomoko Kimura Gaudioso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O ENSINO DE LÍNGUA JAPOENSA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

GAUDIOSO, Tomoko Kimura¹ (UFRGS)

Resumo: Os japoneses chegaram diretamente do Japão ao Rio Grande do Sul somente após Segunda Guerra Mundial, de modo que o ensino da língua japonesa também acompanhou a trajetória de assentamento desses imigrantes na terra gaúcha. Inicialmente, o curso de japonês foi oferecido informalmente. Após o funcionamento do curso de língua japonesa como atividade de extensão, em 1986, inicia-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul o Curso de Bacharelado em Letras com habilitação em japonês-português. A Fundação Japão, nesta época, com objetivo de capacitar os professores para atender o curso, enviam as professoras Noriko Morito e Takako Furuhashi, especialistas em ensino da língua japonesa. Desde então, os alunos de diversas partes do Brasil e da América do Sul têm frequentado o curso de japonês e contribuído para atuar como professores da língua japonesa.

Palavras-chave: imigração, língua japonesa, educação, ensino, estudos japoneses.

1. Introdução

A imigração japonesa ao Rio Grande do Sul ocorreu tardiamente, de modo que só após segunda guerra mundial é que os japoneses imigraram para as terras gaúchas. O ensino da língua japonesa também se iniciou tardiamente, portanto. Na instituição pública, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi a primeira a oferecer o curso de japonês, antes da década de 1970, o que foi base para criação do curso de bacharelado em 1986. O motivo pelo qual as pessoas procuram o curso é variado, desde aqueles que são simplesmente curiosos, os que interessam pela cultura ou por motivo profissional ou ainda, nos dias de hoje, por ter interesse em *anime* (desenho animado japonês) e *manga* (história em quadrinhos japoneses).

Os professores, brasileiros em sua maioria, com formação na área, usam os materiais didáticos diversos, desde os polígrafos até os materiais que podem ser adquiridos no mercado, principalmente via internet, devido à facilidade da atualidade para as compras on-line. Atualmente, os alunos que estudam a língua japonesa no curso de extensão são jovens, com variação de idade entre 17 e 30 anos. Em relação ao curso de graduação, oferece-se o curso de bacharelado almejando formação de profissionais que possam atuar no mercado de trabalho como tradutores de japonês-português. Nos últimos anos, a participação de descendentes japoneses tem aumentado, de modo que, com tal reconhecimento por parte da comunidade japonesa, pretende-se aprimorar mais ainda para que possamos corresponder às expectativas daqueles que o frequentam.

2. Um pouco de história

O ensino da língua japonesa no estado do Rio Grande do Sul iniciou na década de 1960, com iniciativa do Consulado Geral do Japão. O governo japonês, preocupado em difundir a língua japonesa, criou o curso de língua através da colaboração da comunidade local. Em 1969, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

¹ Professora do Setor de Japonês do Instituto de Letras e coordenadora do Memorial da Imigração e Cultura Japonesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

abrigava algumas turmas de curso livre de japonês, cedendo o espaço de sala de aula do antigo Colégio Aplicação, atual prédio da Faculdade de Educação. O corpo docente era composto pelas pessoas que tinham bom conhecimento da língua, contratados como professor horista. O curso livre era ministrado por donas de casa, médicos, estudantes universitários e padres missionários, como o padre Lino Stahl, de modo que não eram qualificados como professores. Não havia materiais didáticos adequados, também. O único material didático era um livro-texto reproduzido heliograficamente. As turmas mais adiantadas usavam o livro de leitura chamado “Yomikata”, editado no Japão pela Escola de Idioma Japonês Kokusai Gakuyu Kai, em 1959. Entretanto, nenhum deles era próprio para ensino da língua japonesa. Não havia, igualmente, dicionários que os alunos pudessem usar.

No início da década de 80, com a modificação da política de ação da universidade, o curso livre de língua japonesa tornou-se curso de extensão da universidade de modo que, em 1984, passou a contratar os professores diretamente. Por parte do governo japonês, foi enviada uma especialista na didática de ensino da língua japonesa, a professora Noriko Morito, da Fundação Japão, por dois anos e, posteriormente, a professora Takako Furuhata, por mais dois anos, para qualificar as quatro professoras que compunha o corpo docente da época. Então, as professoras locais receberam ensino intensivo de japonês, tanto de didática, língua e gramática como de elaboração de materiais de ensino do japonês. Por outro lado, os cursos de formação de professores no estrangeiro, oferecido pela Fundação Japão, nos quais os professores receberam o treinamento, auxiliou na melhoria da didática do ensino assim como elevou o conhecimento dos mesmos em relação à língua e cultura japonesa.

Em relação ao material didático, foi-se elaborando novos textos e cadernos de atividades que, mais tarde resultou na publicação dos livros-texto “Fundamentos da Língua Japonesa”, volumes I e II, e “Introdução aos Ideogramas Kanji de Uso Cotidiano”, pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, usados por mais de uma década, até serem substituídos gradualmente por outras publicações japonesas, como “Nihongo no Kiso”, volumes I e II, no início do ano 2000 e mais tarde, pelo “Minna no Nihongo”, volumes I e II e demais publicações mais recentes.

Em 1986 criou-se o curso de Bacharelado em Letras com ênfase tradução português-japonês com objetivo de formar os tradutores. O curso de extensão em língua japonesa continuou exercendo suas atividades, oferecendo curso livre para público em geral. Em 2001, a coordenação geral do curso de extensão em língua japonesa passou a ser exercida pelo Núcleo de Ensino de Línguas Estrangeiras, o NELE, do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras, como uma das línguas estrangeiras oferecidas, ao lado do inglês, francês, alemão, russo, italiano e espanhol. Atualmente, a coordenação pedagógica do curso de extensão de língua japonesa está a cargo da professora do Setor de Japonês, do mesmo departamento. Anualmente, ingressam ao curso 50 novos alunos. O curso de extensão de longa duração é oferecido em oito semestres, onde a turma é dividida semestralmente, em níveis de 1 a 8, tendo como material didático os polígrafos elaborados baseados no livro didático “Minna no Nihongo”, volumes I e II. Além disso, oferece-se para aqueles interessados em conhecer a língua e cultura japonesa, as oficinas e cursos de extensão de curta duração, abrangendo o conhecimento do nível A1 do japonês.

3. A motivação

O japonês é uma língua com característica bem diferente das línguas originárias do latim tais como português, francês, italiano e espanhol. Nem tampouco é similar ao inglês ou alemão por ser uma língua aglutinante. Assim, esse fator produz o efeito de estranhamento nas pessoas quanto à construção da estrutura linguística, o que dificulta muitas vezes a continuidade de estudos por causar frustração na aprendizagem salvo os que almejam um objetivo maior, tendo como aprendizagem da língua um instrumento para alcançá-lo. A procura pela língua japonesa, no âmbito da universidade, se modificou ao longo dos anos. Na década de 80, grande parte dos alunos respondeu ao questionário dizendo que a opção linguística se deveu por motivo profissional, ou seja, tinha intenção de aplicar o conhecimento da língua japonesa para obter um bom emprego na empresa japonesa. Assim, além de universitários, havia muitos alunos com empregos já fixos estudando o japonês.

A faixa etária varia de 18 anos até mais de 50 anos. O ingresso de alunos caiu após a crise do estouro da bolha da economia japonesa, nos fins da década de 1980, de cerca de 100 pessoas para 40 pessoas aproximadamente, permanecendo nessa situação por mais ou menos dez anos. Nessa época, a maioria estava estudando a língua japonesa por motivos pessoais e não profissionais. Entre os alunos, havia aqueles que frequentavam as seitas religiosas e assim, aprendendo a língua, pretendiam ler os ensinamentos no original. Outros planejavam ir futuramente ao Japão para conhecer ou estudar por terem interesse pela cultura clássica ou porque simplesmente queriam bolsa de estudos oferecidos pelo Ministério de Educação do governo japonês, a estudarem física, medicina, educação física, artes e outros. Com o decorrer do tempo, o perfil dos alunos mudou. Com a difusão da cultura de anime (desenho animado japonês) e de *mangá* (histórias em quadrinhos japoneses) nos meios de jovens em vários patês do mundo, inclusive no Brasil, ressurgiu o interesse à língua japonesa, desta vez, para compreender melhor a fala das personagens e para poder legendar esses filmes. Alguns deles pensam em trabalhar futuramente com legendagem de filmes japoneses.

Atualmente, há egressos que trabalham na legendagem de jogos (videogame), revisão de textos, tradução de obras literárias e trabalho em empresas japonesas, além dos que estão nos cursos de mestrado e doutorado, no Brasil e no Japão. Há ainda, os alunos que frequentam as disciplinas de curso regular de graduação, mas que são lotados em outros cursos com pretensão de estudar no Japão em áreas específicas de interesse como química, física, engenharia e outros. Outro fator que motiva a estudar a língua é a sua origem étnica. No Rio Grande do Sul há poucos imigrantes japoneses, de modo que igualmente não têm muitos descendentes, os chamados *nikkeis*. Isso se deve à imigração tardia que ocorreu no estado, após 1956, diferentemente da imigração de outros povos, tais como imigração alemã e italiana que, já nos fins do século XIX marcavam presença no estado. Entretanto, nos últimos anos, percebe-se que há aumento da participação dos *Nikkei* no âmbito acadêmico como discente no curso de língua japonesa.

Ao contrário de outras universidades de cidades como São Paulo e Curitiba, ao caminhar pelos campi, raras vezes se cruza com alguém *nikkei*. Entretanto, atualmente há cerca de cinco pessoas que são de ascendência japonesa que estudam a língua japonesa no curso de graduação, o que não ocorria até alguns anos atrás. A motivação deles é a necessidade de conhecer e capacitar-se quanto a uso da língua japonesa para poder comunicar-se com os parentes da primeira geração como avós e tios e para se inserir no mercado de tradução. Outra argumentação desses descendentes é a

conscientização da necessidade de aprender a língua japonesa padrão já que no seio da família só se fala o dialeto. Os descendentes sentem-se incomodados por saber que no Japão há língua padrão e que eles falam somente o dialeto aprendido com seus pais e, ainda mais quando mãe e pai são falantes de diferentes dialetos. Nesse sentido, acredita-se que o curso de língua exerce papel importante na aproximação de gerações.

4. Estrutura dos cursos de língua japonesa

Os cursos de língua japonesa estão ofertados em duas principais modalidades: o curso de graduação, por um lado e por outro, os cursos de extensão com duração variada conforme público almejado.

O curso de graduação é oferecido pelo Instituto de Letras, na modalidade Bacharelado em Letras - Tradutor Português e Japonês, com carga horária total de 3150 h/aula. A duração do curso é de quatro anos, tendo como disciplinas obrigatórias, oito disciplinas de língua japonesa, três disciplinas de tradução do japonês, três disciplinas de versão do japonês, três disciplinas de literatura japonesa, duas disciplinas de cultura japonesa, uma disciplina de revisão de textos traduzidos japonês/português, leitura e produção de textos em japonês, duas disciplinas de estágio supervisionado de tradução do japonês e demais disciplinas relativos ao conhecimento da língua portuguesa e literatura brasileira além da elaboração do trabalho de conclusão do curso. As aulas, excetuando-se disciplinas da língua portuguesa e literatura brasileira, são ministradas pelos três professores do Setor de Japonês do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras. Os materiais didáticos são variados conforme disciplinas e níveis de aprendizagem sendo que nas aulas iniciais de língua japonesa utiliza-se o livro “Minna no Nihongo”, volumes I e II, além de materiais didáticos desenvolvidos na própria instituição.

Os cursos de extensão, por sua vez, são ministrados em três modalidades diferentes conforme finalidade e duração. O curso de japonês mais longo e completo é oferecido através do Núcleo de Ensino de Língua em Extensão, juntamente com outras línguas como inglês, francês, espanhol, alemão, italiano, russo, grego e o latim. Esse curso de japonês tem duração de oito semestres, com possibilidade de ingressar nos semestres avançados através da aplicação do teste de nivelamento. Semestralmente ingressam cerca de trinta alunos no nível inicial, na sua maioria os estudantes universitários ou trabalhadores jovens. Há ainda, os cursos de língua e cultura japonesa de curta duração, ofertados pelo Memorial da Imigração e Cultura Japonesa da UFRGS, ao público em geral que deseja conhecer um pouco de japonês, com locais de aulas diversos tais como escolas públicas ou outras instituições promotoras de cultura japonesa, sempre de forma gratuita, com participação de bolsistas.

Em relação ao curso de japonês oferecido pelo programa de governo Idioma sem Fronteiras, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul participa do mesmo desde 2016, numa ação conjunta com Fundação Japão, tanto para oferecimento do curso como aperfeiçoamento dos tutores ministrantes com orientação de especialista no assunto. Como material didático, em todos os cursos oferecidos pelo sistema de extensão e curso do Idioma sem Fronteiras usa-se o livro “Marugoto” desenvolvido pela Fundação Japão, com plataformas disponibilizadas na internet, além de links e aplicativos, relativo à aprendizagem da língua e cultura japonesas.

5. Materiais didáticos

O material didático no ensino da língua japonesa sofreu profunda evolução ao longo dos anos. Sabe-se que na década de 1960, uma professora de Gravataí que era japonesa de segunda geração elaborou uma pequena cartilha de escrita japonesa para ensinar seus filhos e as crianças da vizinhança. O curso de japonês da UFRGS também iniciou sem material básico definido, pois não havia no mercado algo que servisse. Como já foi dito anteriormente, a solução foi a de elaborar cartilha manuscrita. Como na época não possuíamos nenhum programa ou equipamento com o qual pudéssemos digitar ou datilografar textos em japonês, os textos elaborados manualmente eram todos reproduzidos em mimeógrafos. Uma das tarefas do professor era a de pedir a folha matriz para mimeógrafo, no almoxarifado, e transcrever o texto elaborado para essa matriz. Alguns dias antes da aula reproduziam as folhas a serem distribuídas aos alunos. Alguns livros usados nas escolas japonesas foram usados em sala de aula, mas não obtiveram resultados esperados porque a linguagem não se adequava ao conhecimento linguístico dos estudantes principalmente a gramática. Outro fator que interferiu na seleção do material didático foi a escrita. Diferentemente da escrita ocidental, no Japão há três formas de escrita: o *hiragana*, *katakana* e o *kanji*. Os dois primeiros são representações fonéticas de sons silábicos e o último, o ideograma, isto é, a escrita que contém ideia ou ideias. Esses “símbolos gráficos” ou “códigos gráficos” são completamente diferentes do alfabeto romano. Assim, foram produzidos materiais com formatação diferentes, como os escritos somente em sistema gráfico japonês, misto e em grafia alfabética romana, o *roma-ji*, dos quais, o que foi escrito somente em grafia japonesa obteve melhor resultado na aprendizagem da língua em quatro habilidades linguísticas.

O material gráfico escrito em alfabeto romano foi o que causou vários efeitos negativos. Primeiramente, habituados com a leitura fonética do português, as palavras em japonês eram pronunciadas com sons similares aos da língua portuguesa. Segundo, por ser apenas uma representação fonética, causava dificuldade na identificação de léxicos do japonês. E por fim, a representação em alfabeto ocidental privava o aluno de estudar a língua mais avançada, isto é, os alunos não conseguiram ir além do estágio inicial da aprendizagem da língua. Anos mais tarde, desde início da década de 1990, surgiram vários livros-textos mais elaborados e com materiais auxiliares de áudio e de imagens de qualidade, os quais muitos são usados atualmente em sala de aula, tanto nos cursos de extensão como o de graduação.

Entre eles, na década de 1990 utilizou-se o livro-texto “Nihongo no Kiso”, volumes I e II; e a partir de 2000, passou-se a utilizar “Minna no Nihongo”, volumes I e II, além de “J Bridge” para as turmas mais avançadas além de polígrafos elaborados na instituição. Atualmente, em relação ao material didático, usa-se na graduação os polígrafos e materiais auxiliares ao ensino do japonês elaborado na própria instituição baseando-se no livro “Minna no Nihongo”, volumes I e II. Em relação ao curso de extensão, como já foi mencionado, tendo como público-alvo tanto a comunidade acadêmica como as pessoas fora do âmbito da universidade, tem-se usado desde 2015, o livro “Marugoto-língua e cultura do Japão” desenvolvido pela Fundação Japão, por considerar que esse material didático focaliza a competência comunicativa, o que os alunos do curso de extensão almejam.

6. Os professores

No Brasil há poucas universidades que possuem licenciatura em japonês. E as existentes são fora do Rio Grande do Sul. No início do curso, na década de 1970, não havia nenhum professor para exercer atividade de docência em japonês de forma satisfatória, de modo que, quem ministrava aulas eram médicos, dentistas e outras pessoas que falavam o japonês, como citado acima, no item 2. Assim, a solução foi a de contratar alguém que dominasse a língua japonesa e qualificá-lo. Em 1984, quando o curso de extensão de língua japonesa foi oficializado na UFRGS, o governo japonês enviou uma especialista em didática da língua japonesa e, por quatro anos, os professores receberam treinamentos específicos sem conhecimento da língua, cultura japonesa e técnicas de didática, em forma de curso de especialização da Fundação Japão *in loco*. Desde então, o corpo docente que compõe o curso de japonês da UFRGS passaram a participar dos cursos de qualificação, participando dos programas de bolsa de estudos oferecidos pela Fundação Japão aos professores do japonês.

Dessa forma, apesar de não existir o curso de licenciatura no estado, o curso mantém a qualidade que possui com atuação de professores locais formados pelo curso de bacharelado, graças ao esforço conjunto entre os alunos e ex-alunos que cursam aquelas disciplinas de didática oferecidas pela Faculdade de Educação e que participam dos cursos oferecidos pela Fundação Japão, tanto realizado no Brasil como no Japão.

7. Sobre o curso atual

Atualmente, o curso de extensão constitui-se de 8 semestres e visa formar os alunos com conhecimento básico e pré-intermediário do japonês, de modo que não passe dificuldades na comunicação da língua. Os alunos que frequentam são na maioria os interessados em *manga* ou *anime* além de outros interessados que estudam o japonês por serem descendentes de japoneses. Esses alunos dizem que estão estudando a língua para poder comunicar-se com seus pais e avós de forma mais concreta e que igualmente sentem a necessidade de conhecer melhor a cultura de origem. Outros pretendem fazer pós-graduação no Japão, e por isso sentem necessidade de conhecer e dominar a língua.

O curso de graduação sofreu reforma curricular em 2014, sendo que sua duração passou de cinco para quatro anos, com maior oferta de disciplinas eletivas para que os alunos possam escolher o conteúdo programático de seu interesse. Nos dias de hoje, quando se fala em identidade cultural dos brasileiros e diversidade cultural com que a nação brasileira é formada, o papel da universidade que oferece oportunidades para tantas culturas brasileiras torna-se fundamental. A língua é uma delas. Como disse Sonati, “a identidade de um povo se dá, principalmente, por sua língua e por sua cultura alimentar”. (SONATI, 2010, p.137).

Mais do que simplesmente uma língua estrangeira moderna, a língua japonesa também faz parte do grupo das línguas minoritárias faladas no Brasil pelos brasileiros. Desta forma, acreditamos que o curso de japonês da UFRGS exerce nada mais que a obrigação de preservar um dos tantos patrimônios que existe no Brasil.

8. Considerações finais

O ensino da língua japonesa, materiais didáticos e metodologia de ensino, assim como perfil dos alunos tem mudado radicalmente desde que se iniciou o curso de japonês na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A evolução de ferramentas de apoio no ensino de línguas estrangeiras desenvolvidas ao longo das décadas assim como programa de capacitação e de atualização de professores de língua japonesa oferecida aos profissionais locais periodicamente têm auxiliado na melhoria do ensino de língua japonesa e atualização na informação sobre cultura japonesa. Atualmente, com evolução de ferramentas de mídia e de outros meios de comunicação através da internet, meio pelo qual os jovens atuais estão completamente inseridos, espera-se que surja mais possibilidades com exploração desses, para facilitar o ensino e a aprendizagem da língua e cultura japonesa.

Bibliografia

GAUDIOSO, Tomoko Kimura. **A trajetória do curso de língua japonesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/memorialjapao/wp-content/uploads/2013/10/Cursos-de-Japon%C3%AAs-na-UFRGS.pdf> . Acesso em: 12 de agosto de 2017.

NEGAWA, Sachio. **História da educação dos imigrantes japoneses no Brasil**. Toquio: Mizuho Shobô, 2016.

SONATI, Jaqueline Girnos; VILARTA, Roberto; CÁSSIA DA SILVA, Cleliani de. **Influências Culinárias e Diversidade Cultural da Identidade Brasileira: Imigração, Regionalização e suas Comidas**. Disponível em: www.fef.unicamp.br/.../deafa/.../cultura_alimentarcap14.pdf . Acesso em: 12 de agosto de 2017.